Companheiro Didi, presente!

Páginas 6 e 7

Opinião Socialista

WWW.PSTU.ORG.BR ▸ NÚMERO 486 ▸ DE 24 DE SETEMBRO A 8 DE OUTUBRO DE 2014 ▸ ANO 17

R$ 2

Zé Maria

"O voto útil é aquele do qual você não se arrepende"

Páginas 8 e 9

Fora imperialismo da Síria!

Páginas 14 e 15

Quem tem medo de criminalizar a homofobia?

Página 13

Com Dilma, Marina ou Aécio, banqueiros vão continuar rindo à toa

Página 5

Escravidão eletrônica – Na Malásia, 32% dos operários estão em situação comparáveis à escravidão, segundo relatório realizado pela ONG Verité. A situação ocorre, sobretudo, em fábricas de eletrônicos que prestam serviço para Samsung, Sony e Apple.

Mudar... com o PMDB – Beto Albuquerque, vice-presidente na chapa de Marina Silva (PSB), afirmou que *"ninguém governa sem o PMDB"*. Parece que a "nova política" de Marina vai contar com figuras como José Sarney, Renan Calheiros...

Alugando bancadas

Apenas 19 empresas respondem por metade das doações às campanhas para presidente, governador, senador e deputados, neste ano. Partidos receberam de companhias privadas R$ 522 milhões do total de R$ 1 bilhão repassado por pessoas físicas e jurídicas. O maior dos doadores, o Grupo JBS, ofereceu até o momento R$ 113 milhões (11% do total arrecadado). As construtoras também são destaque: juntas, doaram R$ 300 milhões (ou 30% do total arrecadado até agora). O PT foi o maior beneficiário (até o momento) da JBS, com R$ 28,8 milhões. O PSD aparece em segundo lugar, com R$ 16 milhões e o PMDB em terceiro, com R$ 14 milhões.

Pérola

Nasci como um jovem de classe média e você voltar pra isso...é um baque gigantesco

EIKE BATISTA, que já foi o homem mais rico do país, lamentando a perda de R$ 30 bilhões de seu patrimônio (Folha de S.Paulo 17/09)

Dilma com ruralista

Tem chamado a atenção no estado do Tocantis o depoimento de Dilma na TV pedindo votos para a senadora Kátia Abreu. "*No Tocantins meu voto é Kátia Abreu para o Senado*", afirma Dilma na TV. A candidata é uma das principais lideranças da bancada ruralista no Congresso, além de ser presidente da Confederação Nacional da Agricultura, sucessora da UDR. Como se não bastasse, aumentam os boatos de que Kátia Abreu poderá ser a nova ministra da agricultura num eventual governo Dilma. Ou seja, o PT, assim como Marina, está de mãos dadas com o agronegócio e ruralustas.

Curió não quer piar

No último dia 15, a Comissão Nacional da Verdade realizou uma diligência de reconhecimento na "Casa Azul", em Marabá (PA). Lá, coletou testemunhos que mostram que o coronel reformado Sebastião Rodrigues de Moura, o "major Curió", foi um dos principais comandantes da repressão à Guerrilha do Araguaia. Muitas testemunhas disseram que a "Casa Azul" era usada pelo exército para a pratica de tortura. Curió usava o codinome "doutor Luchini". Segundo um membro da comissão, Curió, ainda hoje, exerce forte influência na região e impõe medo às testemunhas da guerrilha. Depois de matar no Araguaia, Curió tornou-se o administrador do garimpo da Serra Pelada e fundou uma cidade em sua própria homenagem, Curionópolis, da qual foi prefeito várias vezes.

PSTU inaugura Comitê eleitoral do Grajaú

No último dia 13, o PSTU inaugurou um comitê de campanha no Grajaú, periferia de São Paulo. Na inauguração, um debate sobre o genocídio da juventude negra contou com a presença de operários, jovens, professores e ativistas da região. Laura Daltro, militante do movimento negro e moradora do Grajaú, relatou como os governos não investem nas escolas públicas e nos espaços de cultura e lazer. "*Para piorar, nós jovens temos os postos de trabalho mais precários*", comentou. Zé Maria esteve presente e convidou os participantes a se somarem ao PSTU para lutar pelo socialismo. "*Cada voto que a gente tirar dos partidos da direita e do PT é uma vitória, pois vai fortalecer a luta da classe trabalhadora*", concluiu.

Há mais casa sem gente do que gente com casa

Por Helena Silvestre

Outra vez, fomos espectadores de um terrível episódio envolvendo famílias, policiais, violência e um sonho: ter uma moradia, um lugar onde se possa viver. São Paulo conta com mais de 290 mil imóveis vazios, enquanto os números oficiais de sem-tetos apontam a necessidade de construir 130 mil moradias. Há mais casa sem gente do que gente sem casa.

Bombas, gás, feridos, presos, balas de borracha, crianças traumatizadas, ruas fechadas, Pânico! Pólvora! Como diz a letra do raper GOG. Tudo isso já vimos outras vezes. Pinheirinho, Ocupação da Telerj, Sonho Real, Ocupação da São João. São nomes que poderemos associar sempre a desgraças que retratam o imenso abismo que existe entre ricos e pobres.

A polícia, comandada por Geraldo Alckmin, o governador "que odeia pobre", age de maneira bárbara. Alguns dizem: "*mas a polícia faz isso respondendo à violência*!" Não é verdade que as famílias se imponham com violência diante das forças armadas. São pais e mães de família que carregam consigo seus filhos e tudo (o pouco) que têm.

No entanto, não é apenas do general do estado de São Paulo a responsabilidade. Ela recai também sobre a prefeitura de Haddad (PT) que não enfrenta a especulação imobiliária. Ciclovia? Algumas latas de tinta vermelha espalhadas pelas ruas não apagam o fato de que a prefeitura não tem coragem de tomar das grandes imobiliárias, empreiteiras e famílias milionárias, os imóveis que não cumprem a lei da função social (não raro acumulando impagáveis divididas de IPTU) e transformar estes imóveis em casas para trabalhadores que ganham até cinco salários.

No mesmo dia em que as famílias foram despejadas, o Supremo Tribunal Federal aprovou um auxílio moradia no valor

de R$ 4.300,00 mensais para juízes federais. Parece piada! Os pobres jogados na rua da amargura pelos mesmos governantes que pagam altíssimos alugueis a juízes que ganham tão bem.

Frente a esta realidade, o caminho que temos é o da luta, é o da mobilização para destruir esta forma de organizar a vida e construir juntos uma outra em que o viver plenamente seja o mais importante.

Todo apoio às ocupações urbanas e rurais que, no campo e na cidade, lutam por um mundo justo e sem exploração!

OPINIÃO SOCIALISTA publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Raiza Rocha, Luciana Candido, Wilson H. da Silva

DIAGRAMAÇÃO Romerito Pontes, Thiago Mhz, Victor "Bud"

IMPRESSÃO Gráfica Lance (11) 3856-1356

CORRESPONDÊNCIA Avenida Nove de Julho, 925 Bela Vista - São Paulo - SP CEP 01313-000 Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

As propostas do PSTU para mudar o Brasil merecem seu voto

O programa que o PSTU e a candidatura Zé Maria (presidente) e Cláudia Durans (vice) estão apresentando nas eleições está voltado para a realização das mudanças em nosso país, de forma que se possa atender às demandas das mobilizações de junho, das greves dos trabalhadores e das lutas da juventude: saúde, educação, moradia, saneamento básico, transporte, reforma agrária, aposentadoria, acesso à cultura, ao lazer e emprego e salário dignos para todos.

Para isso, é preciso parar o pagamento da dívida externa e interna (na verdade uma dívida eterna) aos bancos e especuladores; estatizar os bancos e o sistema financeiro; reestatizar as empresas e o patrimônio que foram privatizados por FHC e pelos governos petistas (setores de petróleo, energia, telecomunicações, siderurgia, transporte, etc); acabar com o privilégio das multinacionais e grandes empresas para garantir a redução da jornada de trabalho sem redução salarial e condições dignas de trabalho para todos; nacionalizar as terras de nosso país, tirando-as do controle das grandes empresas do agronegócio, promovendo uma verdadeira revolução agrária, para que as terras sejam usadas para produzir alimento para o povo e assegurar vida digna ao trabalhador do campo.

Além disso, é preciso assegurar dignidade também para outras dimensões de nossa vida. Temos uma árdua luta, mas que é fundamental, para acabar com toda forma de opressão, com o machismo e toda forma de discriminação da mulher; o racismo e toda forma de discriminação dos negros e negras; a LGBTfobia e todas as formas de discriminação contra as pessoas LGBT.

É preciso também assegurar direitos democráticos básicos, como o direito ao aborto e a legalização das drogas. É preciso acabar com a violência que barbariza cada vez mais a vida do povo pobre na periferia das grandes cidades, com a criminalização e a repressão às lutas dos trabalhadores e da juventude. É preciso desmilitarizar a PM, assegurar uma polícia civil única, cujos oficiais sejam eleitos e controlados pela comunidade e onde os agentes policiais sejam preparados para a tarefa de segurança da população, tenham salário digno e condições dignas de trabalho, bem como direito de organização como qualquer outro trabalhador.

Isto tudo só poderá ser garantido por um governo dos trabalhadores, sem patrões, que governe apoiado na mobilização do povo e em suas organizações de luta.

Fortaleça essa luta, vote 16! ■

OPINIÃO

Pra não morrer, pelo direito de decidir

Ana Pagu,
Secretaria de Mulheres do PSTU

Uma mensagem telefônica foi a última lembrança de Jandira Cruz, encontrada morta após se submeter a um procedimento em uma clínica clandestina de abortos, no Rio de Janeiro. O fato ganhou repercussão na imprensa. A dor e o preconceito vieram à tona na cruel sentença a mais uma jovem: pagou com a vida a interrupção de uma gravidez.

No Brasil, o aborto é crime e pode ser punido com prisão. A mulher só não é considerada culpada quando perde o feto de forma espontânea, em caso de estupro ou em risco de morte.

A proibição legal, entretanto, não tem evitado que aconteçam abortos de forma clandestina. Estima-se que ocorram um milhão de abortos por ano. Cerca de 850 mil abortos são clandestinos. A maioria das que o fazem está entre 25 e 49 anos, é casada, tem filhos, é religiosa e ganha até três salários mínimos.

O aborto ocupa o quinto lugar nas causas de morte materna. Cerca de 200 mil mulheres, todos os anos, morrem ou sofrem sequelas. As mulheres pobres e negras, que não podem pagar uma clínica adequada, são as que mais sofrem, pois na maioria dos casos os procedimentos são feitos em locais sem higiene ou estrutura hospitalar. São também as maiores vítimas da polícia. Isso poderia ser diferente. Muitas mortes poderiam ser evitadas caso houvesse condições médicas e de higiene adequadas. É o que diz o Conselho Nacional de Medicina, que defende a descriminalização da prática.

Em Cuba e na Cidade do México, a prática já é legalizada. Recentemente, o Uruguai legalizou. Em todos esses lugares, o número de mortes de mulheres diminuiu muito. No Brasil há uma proposta de Reforma do Código Penal que propõe manter o aborto como crime, porém podendo ser autorizado até a 12º semana, mediante declaração de um médico ou psicólogo, afirmando que a mulher não tem condições de levar uma gravidez. Defendemos uma forte campanha de educação e distribuição gratuita de anticoncepcionais, para que toda mulher possa ter condições de se prevenir. E que o aborto seja descriminalizado, legalizado e feito pelo SUS.

Como é um tema polêmico e muitas pessoas são contra, nenhum dos principais candidatos à presidência toca no assunto. Temem perder votos. Mas é necessário falar, romper os tabus e olhar a realidade das trabalhadoras. Afinal, todo mundo conhece alguém que fez um aborto e que não mereceria pagar por isso com cadeia ou morte. Defender a legalização não é defender que todas abortem. É defender o direito de que as mulheres possam seguir suas crenças e convicções para decidir sobre ser mãe ou não.

Aproveitaremos o dia 28 de setembro, dia latino-americano pela legalização do aborto, para chamar todos a uma reflexão. Estaremos junto com as mulheres trabalhadoras para exigir o fim das mortes e o direito a decidir sobre a maternidade. ■

Endereços das sedes

SEDE NACIONAL

Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua 13 de Maio, 75, Poço em frente ao Sesc) pstual.blogspot.com

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Sergipe, 407 - CEP. 68908-310. Bairro Pacoval. Tel: (96) 3224.3499

AMAZONAS

MANAUS - R. Manicoré, 34 - Cachoeirinha CEP 69065100

BAHIA

SALVADOR - Rua Santa Clara, nº 16, Nazaré. pstubahia.blogspot.com

CAMAÇARI - R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910 - Nova Vitória

CEARÁ

FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 - Benfica. (85) 3044.0056

JUAZEIRO DO NORTE - R. São Miguel, 45 - São Miguel. (88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul. (61) 3226.1016 | brasilia@pstu.org.br

GOIÁS

GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106, Lt- 28, casa 02 - Setor Leste Universitário. (62) 3541.7753

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, sala 10 - Monte Castelo. (98) 8812.6280/8888.6327 pstumaranhao.blogspot.com

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 - Vila Planalto. (67) 3331.3075/9998.2916

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE - Edifício Vera Cruz, R. dos Goitacazes 103, sala 2001. bh@pstu.org.br

BETIM - (31) 9986.9560

CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 - Eldorado. (31) 2559.0724

ITAJUBÁ - Av. Engenheiro Pedro Fonseca Paiva, 188/303 - Bairro Avenida. (35) 8402.1647

JUIZ DE FORA - Av. Rio Branco, 1310 (sobrado) - Centro. pstu16juizdefora@gmail.com

MARIANA - Rua Jequitibá nº41, Bairro Rosário. (31) 8837-0478 | pstumariana@gmail.

UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. (34) 3312.5629|

UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ

BELÉM - Av. Almirante Barroso, Nº 239, Bairro: Marco. Tel: (91) 3226.6825

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Av. Apolônio Nobrega, 117. Bairro Castelo Branco (83) 241-2368.

PARANÁ

CURITIBA - Av. Vicente Machado, 198, C, 201. Centro

MARINGÁ - R. Taí, 597, Sala 11. Centro. Sarandi-PR (44) 9963-5770 | (44) 9944-2375

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua do Príncipe, 106, Soledade, Recife-PE CEP 50050-410 www.pstupe.org.br

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 421. pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180 - Lapa. (21) 2232.9458 rio.pstu.org.br

MADUREIRA - Av. Ministro Edgard Romero, 584/302. Próx ao CDD Correios de Vaz Lobo.

DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro.

NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633/308 - Centro.

NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de Macaé. (22) 2772.3151

NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 - Cordoeira

NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546 - Centro

VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43, sala 202 - Aterrado. (24) 9.9864-7972 pstusulfluminense.blogspot.com

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - Rua Letícia Cerqueira, 23. Travessa da Deodoro da Fonseca. (entre o Marista e o CDF) - Cidade Alta. (84) 2020.1290. Gabinete da Vereadora Amanda Gurgel : (84) 3232.9430 psturn.blogspot.com

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243 Portinho, 243 (51) 3024.3486/3024.3409 pstugaucho.blogspot.com

GRAVATAÍ - Av. José Loureiro Silva, 1520, Sala 313 - Centro. (51)9364.2463

PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom Guilherm. (54) 9993.7180

SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722

SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77 - Centro. (48) 3225.6831

CRICIÚMA - R. Imigrante Meller, 487 - Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579 pstu_criciuma@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO

CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento. (11) 3313.5604

ZONA LESTE - Rua Henrique de Paula França, 136 - São Miguel. (11) 99150 3515. CEP 08010-080

ZONA SUL - R. Julio Verne, 28 - Santo Amaro. (11) 99850 0170

ZONA OESTE - R. Alves Branco, 65 - Lapa de Baixo. (11) 98195 6893

BAURU - Rua 1º de Agosto, 4-47. Edifício Caravelas, 5º andar, Sala 503D. baurupstu@gmail.com

CAMPINAS - R. Saudanha Marinho, 990. (19) 3201.5672

GUARULHOS - Cônego Valadão, 325, Gopoúva. (11) 4966.0484

MOGI DAS CRUZES - R. Prof. Floriano de Melo, 1213 - Centro. (11) 9987.2530

PRESIDENTE PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 101, sala 5 - Jardim Caiçara. (18) 3221.2032

RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos. (16) 3637.7242

SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58 - Centro. (11) 4339.7186 pstuabc.blogspot.com

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (17) 9.8145.2910 pstu.sjriopreto@gmail.com

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista. (12) 3941.2845

EMBU DAS ARTES - Av. Rotary, 2917, sobreloja - Pq. Pirajuçara. (11) 4149.5631

SUZANO - (11) 4743.1365

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto, 1538-b - Conjunto Orlando Dantas. (79) 3251.3530

Privatização da Petrobras gera roubalheira

Corrupção. Avanço da privatização da Petrobras aumenta casos de corrupção na petroleira.

Américo Gomes
Da Fundação José Luis e Rosa Sundermann

Jornais de todo país publicam as notícias relacionadas com o ex-diretor da Petrobras, Paulo Roberto Costa, preso após a descoberta que teria depositado em contas da Suíça US$ 23 milhões de dólares, e em outra conta mais US$ 5 milhões. O ex-diretor negociou um acordo de delação premiada com a procuradoria, e passou a entregar muitos políticos conhecidos .

Pelo menos três governadores, 12 senadores e 49 deputados federais foram denunciados. Os partidos vão desde o PT, ao PP de Maluf, passando pelo PSB da Marina, sem esquecer o PMDB, tradicionalmente envolvido em escândalos de corrupção.

O megaesquema envolvia empreiteiras que ganhavam licitações superfaturadas e fraudulentas com a estatal. Um percentual destes superfaturamentos era desviado para os políticos e os partidos que garantiram que as empreiteiras ganhassem as licitações.

Somente de um esquema de corrupção relacionado a compra pela Petrobras da refinaria de Pasadena, nos EUA, Costa recebeu 1,5 milhão de real de propina. O Tribunal de Contas da União calcula que o prejuízo que esta negociata deu ao país é de US$ 792 milhões. A refinaria custou US$ 1,2 bilhão.

A refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco, tem orçamento atual estimado em US$ 20 bilhões, quase 20 vezes seu preço inicial. O Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro, o Comperj, tinha um valor inicial de R$19 bilhões, mas hoje seu orçamento é de R$36 bilhões. Na Refinaria Abreu e Lima, a Polícia Federal estima que foram desviados R$ 400 milhões.

As propinas eram lavadas pelo doleiro Alberto Youssef, preso em março. As empreiteiras contratadas pela Petrobras faziam pagamentos direto a MO Consultoria, empresa de fachada usada por Youssef. Calcula-se que os repasses chegaram a R$ 89,7 milhões. Entre as empreiteiras que fizeram pagamentos estão OAS e a Galvão Engenharia. A OAS fez dois pagamentos no total de R$ 1,6 milhão, entre setembro de 2010 a janeiro de 2011. A Galvão Engenharia desembolsou R$ 1,5 milhão, entre abril e março de 2011. No topo da lista está a Camargo Corrêa, uma das sete maiores construtoras do país. O Ministério Público informa que a empreiteira repassou R$ 26 milhões para a MO. Ela lidera o consórcio de construção da Abreu e Lima, empreendimento aprovado pelo ex-governador Eduardo Campos.

Todas estas empreiteiras são grandes doadoras de campanhas dos candidatos burgueses à presidência. ■

Paulo Roberto Costa, ex-diretor da Petrobras, já entregou quase 70 políticos ligados ao esquema de corrupção.

Entre os denunciados por Paulo Costa estão:

Políticos envolvidos na maracutaia

Paulo Costa citou a governadora Roseana Sarney (PMDB), do Maranhão; o ex-governador do Rio, Sérgio Cabral (PMDB) e o ex-governador de Pernambuco, Eduardo Campos (PSB), ex-componente da chapa de Marina. Estariam na lista, ainda, o presidente do Senado, Renan Calheiros e o da Câmara, Henrique Alves, o ministro das Minas e Energia, Edson Lobão (todos do PMDB), e outros 24 deputados federais.

Petrobras está sendo privatizada

Nas eleições de 2010, Dilma Rousseff prometeu que não privatizaria o pré-sal da Petrobras. "*Isso seria um crime contra o Brasil porque o pré-sal é nosso grande passaporte para o futuro*", disse. Mentiu, e o governo do PT continuou com a política privatista do PSDB e de FHC. Desde 2002, já foram seis leilões de reservas de petróleo, com destaque para a trágica privatização do Campo de Libra, em outubro de 2013.

Também foi na gestão petista que a mão de obra terceirizada teve um salto gigantesco. Hoje são 90 mil empregados próprios da Petrobras contra quase 400 mil terceirizados.

O avanço da precarização do trabalho leva a acidentes, como o que ocorreu na manhã de 11 de setembro na Refinaria Henrique Laje (Revap) em São José dos Campos (SP). Seis trabalhadores ficaram feridos após uma explosão. Entre as vítimas, dois funcionários da própria Petrobras e quatro de uma empresa terceirizada. A empresa, na maior cara de pau, informou que o acidente não provocou dano ambiental.

Contra a privatização e corrupção, Petrobras 100% estatal!

O caso atual de corrupção na Petrobras reforça o debate sobre a necessidade de uma Petrobras 100% estatal e controlada pelos trabalhadores. Só assim a estatal deixará de ser esse balcão de negociatas e corrupção tocadas pelos partidos e empreiteiras. Somente isso acabará com a corrupção.

Defendemos que a empresa seja controlada por aqueles que trabalham nela. Com isso, podem transformar a riqueza que produz em investimento na educação, saúde, moradia e transporte público, e baratear o preço da gasolina, diesel e gás de cozinha, beneficiando todo o povo brasileiro.

Com Dilma, Marina ou Aécio,

Banqueiros vão continuar rindo à toa

Bancos. Marina quer oficializar a entrega do Banco Central aos banqueiros, mas isso já ocorre na prática

Diego Cruz,
da Redação (SP)

A propaganda é boa. Ao redor de uma mesa, uma família da classe trabalhadora compartilha uma refeição. A câmera corta para uma reunião de banqueiros. "*Marina quer fazer a autonomia do Banco Central*", diz o narrador. Aos poucos, a comida vai sumindo da mesa, até desaparecer completamente. "*Isso significaria entregar aos banqueiros um grande poder de decisão sobre a sua vida e de sua família; os juros que você paga, o seu emprego, preços e até salários*", explica a propaganda.

O que a propaganda do PT não diz é que há muito não só o Banco Central, como toda a política econômica do governo, já estão nas mãos dos banqueiros. Você sabia que a primeira coisa que Lula fez quando eleito foi justamente colocar um banqueiro no comando do Banco Central? Pois é, assim que sentou na cadeira de presidente, Lula entregou o cargo ao ex-presidente internacional do Bank of Boston, Henrique Meirelles, que acabara de ser eleito deputado federal pelo PSDB. Mais do que isso, o governo do PT deu poder de ministro ao presidente do Banco Central, que antes era submetido ao Ministério da Fazenda.

Nos dois mandatos de Lula e no de Dilma, os banqueiros tiveram prioridade absoluta, assim como tinham no governo FHC. Tanto que Lula se orgulha de, no seu governo, os bancos terem tido lucros recordes (veja o gráfico).

O que faz o Banco Central?

O tema ganhou destaque quando a candidata Marina Silva incluiu no programa e defendeu publicamente a autonomia do Banco Central. Isso significaria que seu presidente teria um mandato fixo, de quatro ou seis anos. Ou seja, além do que Dilma chama de "independência operacional", o banco teria autonomia legal. Seria oficializar a entrega do país e a sua política econômica aos banqueiros. Oficializar algo que, na prática, já ocorre.

Mas o que faz o Banco Central? Entre as suas principais atribuições está a definição da taxa básica de juros, a chamada "Taxa Selic". É a taxa que serve como o piso para os juros cobrados no país e os juros que remuneram os títulos da dívida pública. Para se ter uma ideia, estima-se que, para cada 1% que o Banco Central aumenta nesses juros, significa R$ 20 bilhões a mais para os bolsos dos banqueiros.

Com o engodo de enfrentar a inflação, o governo joga os juros lá para cima a fim de frear o consumo. Querem, na verdade, enriquecer ainda mais os bancos à custa do endividamento das famílias e do desvio cada vez maior do Orçamento para a dívida.

O Banco Central, além disso, influi na política de câmbio do país, ou seja, na relação do valor entre o Real e o dólar. A moeda valorizada, por exemplo, facilita as importações. Foi o que aconteceu nos anos 1990 durante o governo FHC. Quem não se lembra da febre das lojinhas de R$ 1,99? A medida serviu para destruir a indústria nacional e causar desemprego em massa. A desvalorização, por sua vez, ajuda os setores exportadores, pois fica mais fácil vender lá fora.

A manipulação do câmbio, além disso, pode e é usado para enriquecer grandes grupos financeiros. Na época da formulação do Plano Real, o banco de André Lara Resende, da equipe que bolou o plano, ganhou centenas de milhões de dólares especulando com o câmbio. E onde Lara Resende está hoje? Na equipe de Marina Silva e ainda ganhando milhões com seus fundos de investimento.

Romper com os banqueiros e os empresários

A ideia de entregar o comando da política econômica para os banqueiros com assinatura e papel passado surgiu no governo FHC, mas causou resistência e foi logo abandonada. Isso porque pegava mal escancarar para todo mundo que são os bancos quem mandam aqui. O PSDB recuou e não se tocou mais no assunto. Os banqueiros, por sua vez, ficaram satisfeitos, pois continuaram enchendo os bolsos e mantendo total confiança nos governos de plantão.

A verdade é que, com Marina, Dilma ou Aécio, os bancos vão continuar ganhando, com ou sem a tal da "autonomia do Banco Central". Isso porque eles propõem a mesma política econômica que beneficia os banqueiros e também os grandes empresários e empreiteiras, que financiam suas campanhas eleitorais.

A única forma de garantir de fato as necessidades dos trabalhadores e da grande maioria da população, com emprego, salário e serviços públicos de qualidade, é rompendo com os banqueiros, empresas e estatizando todo o sistema financeiro. Só assim a comida da mesa do trabalhador não vai sumir para garantir os lucros dos banqueiros, como mostra, mas não diz a propaganda do PT. ■

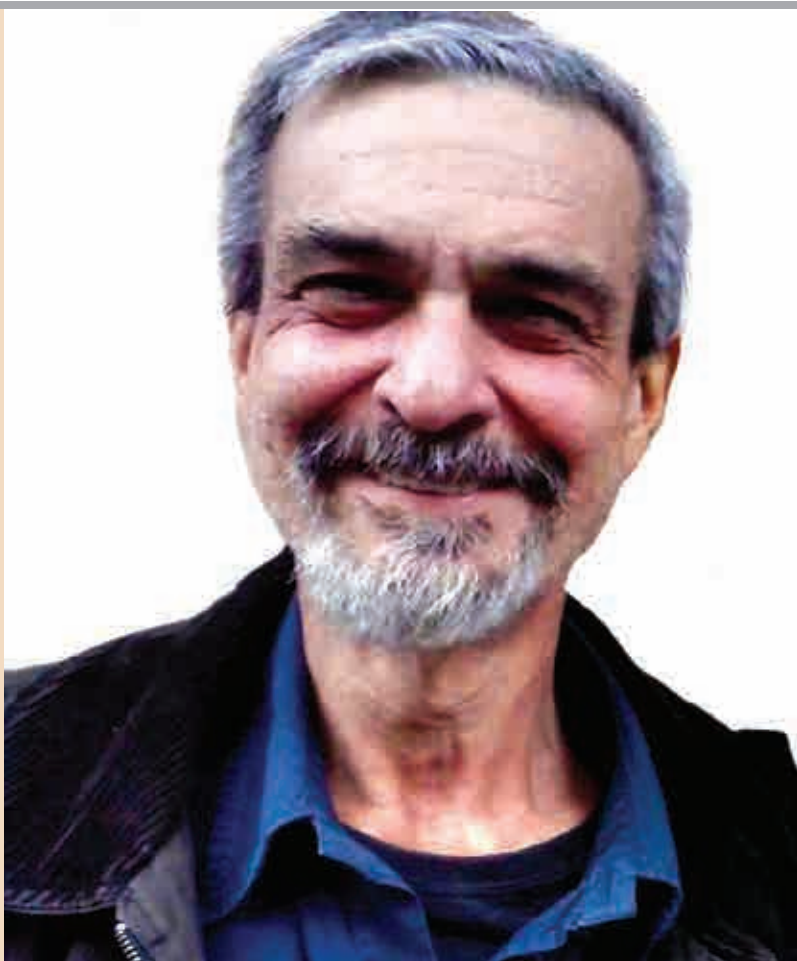
A maior homenagem a Didi

Zé Maria*
candidato a Presidência da República pelo PSTU

Didi era um revolucionário marxista que dedicou toda sua vida consciente a fazer uma revolução socialista que possa libertar nossa classe de toda forma de exploração, e opressão. Dedicou a vida inteira à construção dos instrumentos que vão permitir a libertação da nossa classe do capitalismo.

Não há nada melhor que um ser humano possa fazer com a sua vida, além daquilo que o Didi fez. Por isso, ele é imprescindível. A tristeza pela perda é grande, mas a alegria por termos tido o privilégio de acompanhar parte de sua vida também é grande.

O Didi morreu como viveu: lutando. E não foi só lutando contra a doença, mas contra o capitalismo, como um bom marxista que era. Vamos ter que nos espelhar no Didi para neste momento de adversidade, mostrar mais uma vez nossa estatura. Porque a luta à qual ele dedicou a sua vida inteira, que é pra fazer a revolução socialista em todo mundo, está aí, está posta. E a gente tem que fazer, agora, a parte dele. Essa é a maior homenagem que podemos fazer ao Didi. Vamos ter que cerrar os punhos, chorar nossa dor, mas a partir de amanhã vamos continuar a nossa luta com mais força do que antes, porque essa luta é a luta do Didi. É dessa forma que ele continuará vivo em cada uma das nossas lutas.

*Trechos da fala em ato que homenageou Didi, no último dia 16.

Companheiro Didi, presente!

"Há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis.
Bertold Brech

Da redação

O poema de Bertold Brecht dá a exata dimensão de quem foi Dirceu Travesso, ou simplesmente "Didi", que nos deixou no dia 16 de setembro. Na noite deste mesmo dia, foi realizado o ato de despedida do companheiro Didi na quadra do Sindicato dos Bancários, palco de muitas lutas travadas por ele ao longo dos 37 anos de sua atuação política.

A emoção tomou conta de todos os presentes. Para a maioria, as lágrimas foram inevitáveis. Mais de mil pessoas estiveram presentes, entre amigos e familiares de Dirceu, militantes do PSTU e da Liga Internacional dos Trabalhadores (vindos de várias regiões do país), dirigentes sindicais, do movimento estudantil e popular, além de representantes do PT, PCdoB, PSOL, PCB e da Consulta Popular. Centrais sindicais como a CUT, Intersindical e CGTB também fizeram questão de enviar representantes.

"Pra mim (Dirceu) era um irmão, um amigo, um camarada. Era aquela pessoa que eu procurava para sorrir e quando eu precisava chorar", desabafou Ana Luiza, candidata ao Senado pelo PSTU em São Paulo que, ao lado de Cyro Garcia, coordenou as homenagens.

"A maior demonstração do significado do Didi é isso aqui que está acontecendo agora. Temos aqui gente de vários lugares do país. Recebemos mensagens de vários países. Essa é a maior demonstração de que o Didi foi um cara que lutou a vida inteira por aquilo que acreditava. Mesmo depois de doente, Didi nunca deixou de militar. Ele vai continuar aqui dentro de cada um de nós", disse com a voz embargada Cyro Garcia.

Didi era assim

"Didi era intenso, avassalador, homem de uma coragem inesgotável. Homens assim são insubstituíveis. De onde vinha essa força, essa confiança e essa integridade? Vinha de dentro dele. Choremos todas as nossas lágrimas, mas tenham certeza que a força do Didi repousava em algo imenso, que é maior do que o mundo. De que a nossa luta é legitima diante da história e de que a classe trabalhadora vencerá".
Valério Arcary, do PSTU

"Conhecemos o Didi nas lutas operárias, sobretudo na época da ditadura contra o peleguismo. E nessa caminhada juntos tínhamos uma luta conjunta muito maior, que era a superação do capitalismo e a construção do socialismo"
Waldemar Rossi, da Pastoral Operária

"No embate político ele era leal, sempre buscando soluções construtivas para os impasses e desencontros. Discrepava sem transformar o adversário em inimigo. Sua vida fica como um exemplo de compromisso e abnegação na luta pelo socialismo; de generosidade e humanidade na relação camarada com os próximos".
Plínio de Arruda Sampaio Jr., do PSOL

"Nós baixamos nossas bandeiras sindicais a meio-mastro para homenagear este grande e galante quadro da classe trabalhadora e seremos para sempre gratos a ele. Nós só podemos honrá-lo nos comprometendo a manter nossa luta pelo socialismo e pela derrubada do sistema capitalista. Viva a CSP-Conlutas!"
Sindicato Nacional dos Metalúrgicos da África do Sul (NUMSA)

Linha do tempo: uma vida dedicada à Luta

INÍCIO

1959 Nasce Dirceu Travesso, em 24 de fevereiro de 1959, na cidade de Flórida Paulista (SP)

ANOS 70

1977 Começa a militar como líder estudantil nas mobilizações do final da ditadura. Neste mesmo ano, organizou uma manifestação de repúdio à invasão da PUC-SP pela ditadura, sendo preso pela primeira vez.

1978 Organiza um protesto contra Paulo Maluf, governador biônico de São Paulo. É enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Poucos dias depois, explode a greve operária no ABC. Didi é parte de uma comissão de estudantes que apoia os metalúrgicos.

ANOS 80

Início dos anos 80

Vem para São Paulo trabalhar no banco Itaú. Em 1983, foi demitido. Mesmo assim tornou-se uma das lideranças nas greves dos bancários, sendo diretor do Sindicato dos Bancários de São Paulo por três gestões. Membro da organização Convergência Socialista, ajudou a fundar o PT e participou da fundação da CUT.

1984 Demitido dos bancos privados por três vezes (Itaú, Bradesco e Noroeste), Dirceu segue para Volta Redonda. Para trabalhar na empreiteira Montreal, uma empresa de construção pesada dentro da CSN, uma das maiores siderúrgicas do Brasil. Em 1988, quando a fábrica estava em greve, Didi foi um dos que resistiu à invasão das Forças Armadas.

1988 Em novembro, ingressa por concurso no banco Nossa Caixa. Participa de inúmeras greves da categoria. Torna-se dirigente do sindicato dos bancários, membro da Direção Nacional da CUT e de sua Executiva.

ANOS 90

1994 Rompe com o PT, quando o partido expulsa a Convergência Socialista. Participa ativamente da fundação e construção do PSTU, fazendo parte de sua Direção Nacional. Pelo partido, Didi concorre ao cargo de governador de São Paulo, em 2002.

ANOS 00

2004 Na greve bancária de 2004, Didi foi preso duas vezes pela PM no mesmo dia, enquanto participava de piquetes. Disputa a Prefeitura de São Paulo nas eleições municipais. Em 2004, quando a CUT apoiou a Reforma da Previdência realizada sob o governo Lula, Dirceu, junto com inúmeros sindicalistas, rompe com esta central e organiza a Conlutas, central sindical e popular, fundada em 2006.

2006 Participa ativamente do Comitê de Solidariedade aos Povos Árabes e denuncia as ações criminosas do Estado de Israel contra o Líbano e a Palestina. Dirceu mantém a luta pela causa Palestina até o fim de sua vida.

2008 Em maio, é demitido do Banco Nossa Caixa, sem justa causa ou justificativa. A demissão é um grande ataque contra a organização sindical dos trabalhadores do país e provoca uma campanha por sua readmissão. Em 2010, sai como candidato do PSTU ao Senado Federal.

ANOS 10

2012 Em maio de 2012, durante Congresso da CSP-Conlutas, articula a realização da primeira reunião internacional, que reúne representantes de 20 países, para discutir experiências e ações comuns na luta contra os efeitos da crise mundial.

2013 Em março, é realizado em Paris o Encontro Internacional do Sindicalismo Alternativo. Após três dias de intensos debates, representantes de 22 países da Europa, América, África e Ásia criam a Rede Sindical Internacional de Solidariedade e Lutas. Didi foi fundamental para sua criação.

2014 Após 5 anos lutando contra o cancer, morre no dia 16 de setembro

Adeus Didi, adeus Dirceu!

Eduardo Almeida
da Liga Internacional dos Trabalhadores

Didi era um dos que Brecht chamava de "imprescindível". Um daqueles que milita todos os dias, por toda a vida. Uma figura que dedicou toda a sua vida a um projeto coletivo, quando a maioria absoluta de sua geração buscou uma saída individual. A ideologia individualista, imposta pelo capital, leva a que as pessoas dediquem sua vida a conseguir um cargo, um apartamento, um automóvel.

A maioria acha que um militante como Didi é uma pessoa estranha. Como dedicar o melhor de seu tempo, de seus esforços a uma luta coletiva? No entanto, esses imprescindíveis conseguem com suas vidas não só feitos coletivos mas também, um elemento subjetivo, individual, inestimável. Conseguem dar um sentido para suas vidas, por ter vivido a grande luta para mudar o mundo.

Didi foi um internacionalista concreto. Foi parte central de suas atividades, em particular nos últimos anos. Esteve na Praça Tahrir do Egito, na Palestina ocupada. Foi o idealizador e um dos principais organizadores do Encontro do Sindicalismo Alternativo, que reuniu dezenas de organizações sindicais de cerca de 30 países, europeus, da América, África, Oriente Médio e Ásia de cerca de 30 países em março de 2013, na França. Não é por acaso que em sua despedida foram lidas mensagens emocionadas de muitos países do mundo. As mais emocionantes vieram da África do Sul e Espanha.

Impossível evitar o choro, Didi. Mas a festa que ele queria o ato político de celebração da vida e da luta foi o que ocorreu nesse dia 16 na quadra do Sindicato dos Bancários. Mais de mil homens e mulheres, novos e velhos militantes choraram e gritaram: "camarada Didi, presente".

"O voto útil é aquele do qu

Em entrevista ao Opinião, o candidato à presidência da República pelo PSTU, Zé Maria, explica porque votar em uma candidatura operária e socialista, e fala que o PSTU é um partido diferente, que luta para "fazer uma revolução socialista em nosso país".

Por que é inútil votar em Marina, Aécio ou Dilma? Por que é útil votar em você, do PSTU?

ZÉ MARIA - O voto útil é aquele do qual você não se arrepende. Votar em Dilma, Marina ou Aécio é escolher que as coisas continuem como estão ou piorem. Estas três candidaturas defendem o mesmo modelo econômico, que privilegia os interesses dos bancos, das empreiteiras, do agronegócio. Basta ver que todas elas estão recebendo milhões de bancos e empresas para financiar suas campanhas. O voto é um gesto político e devemos usá-lo a favor das mudanças que precisamos no país, para fortalecer nossa luta e podermos estar mais fortes para enfrentar os ataques que virão e defender nossos direitos. Esse voto é um voto no PSTU, no 16.

O horário eleitoral passou a exibir ataques entre Dilma, Marina e Aécio, nos quais todos eles dizem ser contra os banqueiros e defender os trabalhadores. Esse debate é coerente com o programa e atitude destes candidatos?

ZÉ MARIA - Estamos assistindo um festival de mentiras. Marina diz que representa a nova política e o povo pobre, mas, na verdade, está cercada de assessores do PSDB que estão definindo a sua política econômica. Sua candidatura é financiada pelos bancos e grandes empresas. Aécio, do PSDB, é a volta ao passado e nós sabemos o que foi o governo FHC. Mas, tampouco as mudanças que precisamos virão com a continuidade do governo Dilma. Já são 12 anos de governos do PT, os bancos seguem mandando e as privatizações continuam. Dilma diz que a prioridade é o pobre, a mulher e os negros, mas com a Bolsa Família ela gasta R$ 23 bilhões ao ano. Com os bancos são R$ 800 por bilhões por ano! Se a prioridade fossem os trabalhadores e os pobres, ela colocava estes 800 bilhões para atender as reivindicações de mudança da maioria. Com qualquer uma destas três alternativas a vida não vai mudar para melhor.

Hoje a maioria não confia nos políticos. Você diz que não vamos mudar o país através das eleições. Então qual o sentido de disputar as eleições e de lutar para eleger deputados do PSTU?

ZÉ MARIA - O PSTU disputa as eleições para apresentar uma proposta alternativa para o país, para demonstrar que é possível assegurar vida digna para os trabalhadores, o povo pobre e oprimido, desde que acabemos com os privilégios dos bancos e das grandes empresas. Não podemos deixar os trabalhadores e jovens à mercê da propaganda das candidaturas dos patrões. Em segundo lugar, o fazemos para levar aos trabalhadores e jovens a ideia de que estas mudanças só vão ocorrer se tivermos no país, um governo dos trabalhadores, sem patrões. Para que tenhamos um governo assim e para que ele possa governar precisamos avançar em nossa organização e em nossa luta. Sem um amplo processo de mobilização social para lutar por essas mudanças, com o povo nas ruas, não conseguiremos mudar o Brasil. A campanha e a construção do PSTU estão a serviço destes objetivos. É importante o voto no PSTU porque esse voto ajuda a avançar a mobilização, a consciência e a organização dos trabalhadores. Queremos eleger deputados para que eles estejam a serviço da luta dos trabalhadores e da construção desta alternativa. Os deputados do PSTU vão denunciar as falcatruas do Congresso Nacional e do governo e vão lutar contra os privilégios dos políticos. Um deputado ou deputada do PSTU vai viver com o mesmo salário que recebe hoje, antes de ser deputado, e vai propor que nenhum político ganhe um salário maior que o salário de um operário ou de um professor.

> "Sem um amplo processo de mobilização social para lutar por essas mudanças, com o povo nas ruas, não conseguiremos mudar o Brasil

Por que não se fez uma Frente de Esquerda entre PSTU, PSOL e PCB?

ZÉ MARIA - Na primeira eleição em que o PT participou, em 1982, Lula foi candidato a governador de São Paulo. O programa era romper com o FMI, não pagar a dívida externa e estatizar os bancos. Teve 10% dos votos. Para mim o resultado pareceu ótimo. Lula achou muito ruim e decidiu que se não deixasse de defender estas bandeiras polêmicas nunca ganharia as eleições. Começou uma rotina de rebaixamento do programa para buscar mais votos, e isso nunca mais parou. Depois, passou a fazer alianças com os patrões e a receber dinheiro de empresas. Pois bem, na primeira reunião que fizemos com a direção do PSOL para discutir a Frente, nos disseram que não estavam a favor de defender um programa que tivesse bandeiras consideradas radicais (estatização dos bancos, reestatização das empresas privatizadas, nacionalização das terras etc.), porque isso dificultaria a disputa dos votos. Não tínhamos como concordar com isso. Dizer aos trabalhadores que é possível mudar suas vidas sem adotar estas mudanças seria mentir para as pessoas. Estávamos diante de cenas que já tínhamos vivido com o PT, e já sabemos como terminou este filme. Por outro lado, não tínhamos segurança de que não seria aceito financiamento da campanha por empresas. Hoje, sabemos que pelo menos um grande grupo empresarial (Zaffari) ajuda a financiar a campanha do PSOL. Aliás, não é a primeira vez. E sem independência econômica, não há independência política. Se nossa alternativa pressupõe a luta contra as grandes empresas, como vamos fazer isso sendo financiados por elas? O PT enveredou por este caminho e deu no que deu. Não temos o direito de repetir esta história. O PCB havia decidido lançar candidatura própria, o que respeitamos.

> "Nós, os trabalhadores, somos a ampla maioria da população. Construímos toda a riqueza do país com o nosso trabalho, fazemos o país funcionar. Por que então não podemos governar o Brasil?

Você e o PSTU priorizaram fazer uma campanha mais forte na classe operária, percorrendo canteiros de obras, fábricas e bairros operários. Por que esta prioridade e como vem sendo esta campanha?

al você não se arrepende”

ZÉ MARIA - O projeto que defendemos é operário e socialista. Nada mais adequado que o partido busque envolver nesta luta a maior quantidade possível de operários. E que busque ampliar sua influência e organização no seio da classe operária. Por isso, centramos nossa campanha aí. Mas não é só na campanha. Viemos para ficar. E a receptividade está muito boa. Há um processo de ruptura amplo com o PT na classe operária. Setores da classe não acreditam mais que o PT vá mudar o país. É normal que, eleitoralmente, grande parte destas rupturas busquem uma alternativa eleitoral que lhes pareça viável para derrotar o PT. Mas isso não elimina o espaço para a discussão do programa que o PSTU apresenta. Pelo contrário, sentimos um espaço cada vez maior para as ideias do partido neste setor e estamos lutando para que o maior número possível deles vote no 16 e venha somar-se a nossa luta. Estamos muito contentes com o que temos alcançado com a campanha até agora.

> “Não somos iguais ao PT. Somos socialistas, lutamos para fazer uma revolução em nosso país, para acabar com a desigualdade, a injustiça e a violência contra os trabalhadores

Existem dados crescentes de crise econômica e social não apenas no Brasil, mas em toda América Latina. Para o que devem se preparar os trabalhadores, caso Dilma, Aécio ou Marina sejam eleitos?

ZÉ MARIA - Há sinais cada vez mais claros de que a economia brasileira caminha para uma situação parecida com a crise que temos visto em outras regiões do planeta. Algumas semanas atrás, divulgaram um crescimento negativo do PIB. A situação da indústria automotiva é só uma das expressões desta situação. As consequências já estão se fazendo sentir, com demissões na indústria, principalmente no Sul e Sudeste. Isto tende a piorar e nós sabemos o que acontece nas crises. Os bancos e grandes empresas fazem de tudo para descarregar seus custos nas costas dos trabalhadores. E como as candidaturas apontadas como prováveis vencedoras tem compromisso com os bancos e grandes empresas, podemos esperar por demissões e redução de direitos. Quando falam em ajuste fiscal, podemos esperar sucateamento dos serviços públicos. Precisamos estar preparados para enfrentar essa situação com luta, para evitar que isso aconteça da mesma forma que fizemos baixar o preço da tarifa do transporte, em junho de 2013.

Você sempre fala que o PSTU não é um partido eleitoreiro, é um partido diferente, uma ferramenta contra o sistema. O que você diria a um operário ou operária, já tão atarefados, para que dediquem um tempo para vir ajudar a construir essa ferramenta?

ZÉ MARIA - Mudar, para que os recursos do país e a riqueza produzida pelo trabalho fossem usados para garantir vida digna aos trabalhadores e ao povo pobre, era o sonho de milhões de trabalhadores brasileiros que ajudaram a construir o PT na década de 80. Queríamos um instrumento político para a luta da nossa classe, para realizar esse sonho. Infelizmente, isso tudo se frustrou porque o PT, a partir de sua direção, não escolheu o caminho de organizar a luta da nossa classe para mudar o Brasil. Escolheu buscar uma aliança com os patrões. E com os banqueiros, para ganhar as eleições e governar. E nossa classe está aprendendo, a duras penas, uma lição importante. Mas a desilusão com o PT não pode nos levar ao desalento, a não acreditarmos mais em nosso sonho.

O primeiro passo é acreditarmos em nós mesmos e em nossa capacidade. Nós, os trabalhadores, somos a ampla maioria da população; nós construímos toda a riqueza do país com o nosso trabalho; nós fazemos o país funcionar. Por que então não podemos governar o Brasil? E, no governo, mudarmos o país, para que a prioridade deixe de ser o banqueiro, as empreiteiras, o agronegócio, as multinacionais, e passe a ser o trabalhador? Podemos sim. E força para isso nós temos, se decidirmos lutar por estas mudanças. Não fomos nós que, nas ruas, no início da década de 80 derrubamos a ditadura? O PSTU é o partido que quer resgatar esse sonho. E aprendemos com a história. Não somos iguais ao PT. Somos socialistas, lutamos para fazer uma revolução em nosso país, para acabar com a desigualdade, a injustiça, a opressão e a violência contra os trabalhadores. Para isso precisamos de um partido político diferente, que seja um instrumento para a luta do povo e não um partido para se aproveitar do povo como estes que estão aí. E este partido é o PSTU. Venha para o PSTU. Construir esse partido é ajudar nossa própria classe a realizar seu sonho de viver em uma sociedade livre de toda forma de exploração e opressão. ■

(1) Zé Maria, em 1989, durante a greve da siderúrgica Mannesmann, em Contagem (MG). (2) Repressão durante a Parada LGBT de 2008. (3) Na Av. Paulista (SP), Zé Maria discursa durante o Dia Nacional de Greves e Paralisações (11 de julho de 2013). (4) Zé Maria recebe apoio à sua candidatura dos operários da construção civil em Fortaleza (CE).

Congresso da Feraesp indica filiação à CSP-Conlutas

Raio-X

A Feraesp representa 90 sindicatos de trabalhadores do campo, tendo nas suas bases cerca de 300 mil trabalhadores assalariados rurais. Também dirige inúmeras ocupações de terra no interior de São Paulo.

Da redação

Entre 10 a 12 de setembro, a Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo (Feraesp) realizou seu 7° congresso em Araraquara (SP). Participaram cerca de 300 trabalhadores e trabalhadoras, representando os sindicatos filiados à Federação, além de comissões de base nas empresas, e trabalhadores rurais sem terra ou desempregados, dos acampamentos e assentamentos apoiados pela Feraesp.

O Congresso, que também comemorou os 25 anos de fundação da federação, fundada em 1989, refletiu importantes mudanças que vive o campo brasileiro, com o crescimento da mecanização e da agroindústria. Debateu também as condições de trabalho no campo, a questão dos acidentes de trabalho, a situação do INSS, dentre outros temas.

Mas a resolução mais importante foi a decisão tomada de desfiliar a Feraesp da CUT e construir a transição para a filiação dos Sindicatos e da própria federação à CSP Conlutas. Segundo a resolução, os sindicatos filiados a Feraesp farão assembleias e indicarão a filiação à Central Sindical e Popular Conlutas. O debate será realizado em 120 dias, e o Conselho de Representantes da Feraesp terá 150 dias para resolver a qual Central Sindical a Feraesp estabelecerá seu vínculo de filiação, ficando desde já autorizada a desfiliação da CUT.

"O Congresso representou um avanço da organização dos assalariados rurais de São Paulo. A resolução sobre a CSP – Conlutas foi uma decisão muito importante para a reorganização dos trabalhadores do campo e da cidade", concluiu Sebastião Carlos, o Cacau, da Secretaria Nacional Executiva da CSP-Conlutas.

"É hora de plantar de novo uma nova central baseada no classismo"

Entrevista. Nas palavras de Hélio Neves, dirigente da Feraesp, esse foi um congresso de "refundação" da federação. Confira a entrevista.

Hélio Neves, Feraesp.

Qual é importância deste 7° congresso da Feraesp?

Hélio Neves - A Feraesp foi fundada em Jabuticabal em 1989. Em 1990, ela fez um novo alinhamento e decidiu entrar na CUT. A Feraesp nasceu por iniciativa dos trabalhadores do campo, especialmente, assalariados rurais da região de Ribeirão Preto.

Por que que agora, no 7° congresso, nós estamos chamando de refundação? Não que a Feraesp vá mudar, mas é hora dela olhar pra dentro de si mesma. É hora de o sindicalismo olhar para o espelho, fazer uma reflexão do que fez, o que não fez e o que tem pra fazer.

Houve uma mudança no processo produtivo importante. Hoje, você introduziu em toda a agricultura brasileira, particularmente onde está a base da Feraesp, altos níveis de mecanização, automação, adubação, transgenia. Ou seja, esse conjunto de mudanças, seja tecnológica ou organizacional do trabalho, empresarial ou política, exige da Feraesp um novo olhar?

Por que se filiar a CSP-Conlutas?

Hélio - Desde seu nascimento, a Feraesp sempre teve uma concepção de que a central sindical, vamos chamar de "guarda chuva" da organização dos trabalhadores, não pode estar atrelado a governo, nem a partido político, que tem como fundamento a disputa pelo poder político, o que é legitimo. Mas o movimento sindical tem como fundamento a luta real do cotidiano.

Qual é problema da CUT? O sindicalista antes cutista, combativo, do nascedouro da central, mudou. Mudou a concepção, mudou a conduta e a prática. A Feraesp continua a mesma, quem mudou foi a CUT. Qual é problema? Não nos cabe mais lá, pelo menos na avaliação da direção da Feraesp. Estamos encaminhando a proposta de filiação na CSP- Conlutas, não como uma adesão, mas como a construção de um novo instrumento que possa, mais uma vez, retomar a organização da classe trabalhadora brasileira. Não é tarefa apenas dos trabalhadores urbanos, servidores públicos etc. É tarefa também dos trabalhadores do campo.

A gente já está acostumado a plantar roça. Se não chove, a roça não nasce. Se chove muito, a roça não dá. E a gente planta de novo. É hora de plantar de novo uma nova central baseada nos velhos, mas atuais, princípios classistas de organização da classe trabalhadora.

Como a Feraesp encara a luta pela reforma agrária?

Hélio - A reforma agrária no Brasil é uma mentira. Nós fazemos a luta pela terra, mas não fazemos a reforma agrária porque os pilares da reforma agrária brasileira estão fincados nos propósitos do regime militar, baseado na Lei do Estatuto da Terra que é de Castelo Branco. Nenhum governo que sucedeu ao regime militar mexeu nisso com profundidade. De Sarney a Lula e Dilma, o que se trabalha é a reforma agrária do regime militar. Ora, isso não serve para o povo brasileiro. Não serve nem para o trabalhador do campo, nem para o trabalhador da cidade, nem para a construção de um novo país. A reforma agrária que a Feraesp defende não é o que ta aí. A exclusão social a qual somos submetidos nos leva a ter essa questão do acesso à terra como a bandeira principal da luta da Feraesp.

Sim, os trabalhadores precisam de um partido!

Atnágoras Lopes*
de São Paulo (SP)

Nos dias de hoje, especialmente depois das manifestações de junho de 2013, uma forte onda passou a rechaçar tudo quanto é partido político. Essa indignação dos milhares de trabalhadores e jovens de nosso país é progressiva e encontra razão, se considerarmos que os partidos e políticos que estão no poder têm sido o retrato da corrupção, da roubalheira e do completo descaso com as necessidades mais sentidas do povo, especialmente do povo pobre e trabalhador.

> Construímos um partido não para eleger "políticos" e sim para levar a nossa classe, os trabalhadores, à tomada do poder.

Poder para os trabalhadores

No Brasil, há mais de 20 anos lutamos para construir um partido de outro tipo: um partido classista, revolucionário e socialista, o PSTU. Desde então, buscamos permanentemente organizar e participar das lutas e mobilizações para fazer avançar as condições de vida de nossa classe. Isso nos leva, mais ainda nos dias de hoje, a chamar os trabalhadores e a juventude a virem formar conosco o PSTU. Construímos um partido não para eleger "políticos" e sim para levar a nossa classe, os trabalhadores, à tomada do poder. Isso mesmo, um partido para levar a classe trabalhadora ao PODER, para acabar com a exploração e a opressão. Defendemos que os trabalhadores governem com suas organizações, utilizando os métodos da luta direta e da democracia operária, através das quais a vontade da maioria organizada decide o destino de todos, como se faz em uma greve, por exemplo.

Para atingir esse objetivo, como a história já demonstrou, é preciso um partido revolucionário no qual só caiba a classe trabalhadora, que não almeje o poder para si e, sim, para a nossa classe como um todo, no Brasil e no mundo. É sonhar demais? Cremos que não. Vemos que isso é uma necessidade para acabarmos com a exploração e opressão a que somos submetidos todos os dias de nossas vidas no mundo capitalista. Assim, nos dedicamos a ganhar para essa idéia e para essa organização os melhores de nossa luta contra esse sistema e em defesa da construção de um mundo socialista.

O partido revolucionário é o elemento consciente para alcançar essa estratégia: a luta pelo poder para o conjunto de nossa classe. Para por fim à ditadura dos ricos contra nós; para por fim à exploração do homem pelo homem, libertar os trabalhadores e, enfim, podermos gozar a plenitude de nossas vidas. Trata-se, portanto, exatamente do oposto em relação aos partidos e aos políticos que estão no poder e que são representantes diretos das grandes empresas, bancos e multinacionais, que financiam suas campanhas, seus projetos e suas vidas.

Uma ideia superada?

Há uma idéia amplamente difundida nos dias atuais de que a forma "Partido" estaria superada pela realidade. Que, agora, o que deve valer é a "democracia" horizontal, a busca pelo consenso, que não pode, nem precisa direção, coordenação ou qualquer coisa do tipo. Nessa onda, desaparece (consciente ou inconscientemente) o tema de classe;, ou seja, como se não existisse ou não importasse o fato de existir patrões e trabalhadores. É uma visão de mundo oposta ao título desse artigo, que diz: *Sim, os trabalhadores precisam de um partido!* Baixando um pouco à terra, pergunto: E se os trabalhadores, os camponeses ou mesmo a juventude só fossem à luta quando houvesse consenso entre todos? Provavelmente, quase nunca essa luta ocorreria, pois em última instância o que prevaleceria seria a vontade da minoria sobre a maioria.

São inúmeras e legítimas as dúvidas e desconfianças, ainda mais depois do PT, há anos, trair e negar essas idéias.

Quem garante que o PSTU é, e permanecerá sendo, um partido de tipo diferente? O PT dizia a mesma coisa que vocês, algusn podem se questionar como também perguntar: Quando vocês chegarem lá, não vão fazer a mesma coisa que eles?", perguntam. Essas são algumas das dúvidas que, volta e meia, nos deparamos em nossa peleja pela construção do PSTU.

> As traições da direção do PT e de seus governos não podem matar a nossa capacidade de sonhar, lutar e alcançar a liberdade.

É possível lutar contra a burocratização dos partidos e a história demonstra isso como na luta de Lênin contra a traição da social democracia ou de Trotsky contra o stalinismo. Se não fosse possível, a luta da classe operária estaria destinada à derrota inevitável e a humanidade caminharia para a barbárie.

Para que a pergunta não se repita por um dos nossos, é que precisamos de um partido revolucionário com a estratégia do poder para quem produz, ou seja, para a classe trabalhadora. Assim o "vocês" será transformado em "nós";o "chegarem" viraria "chegarmos" e "o ponto de interrogação" seria substituído por um "ponto final", enquanto o "eles", seria apagado. Quando nós chegarmos lá, não faremos como eles.

As traições da direção do PT e de seus governos não podem matar a nossa capacidade de sonhar, lutar e alcançar a liberdade. ■

** Atnágoras é operário da construção civil de Belém (PA)*

Após 14 dias de greve, operários arrancam cesta básica

Foto: Rui Baiano Santana

Cleber Rabelo fala em assembleia na Rua das Mangueiras. Categoria lutou por quatro anos pela cesta básica

Cléber Rabelo e Ailson Cunha*
de Belém (PA)

Foram 14 dias de greve, lutando pelo reajuste, cesta básica, plano de saúde e classificação e qualificação das mulheres. *"Com muita democracia operária, nós mostramos à sociedade como os patrões da construção civil são maus e intransigentes. Ficou evidente que eles são nossos inimigos"*, dizia Márcia, coordenadora da entidade, numa manifestação que levou mais de 5 mil às ruas.

"Finalmente, junto com os companheiros de Ananindeua e Marituba, conquistamos. Não foi fácil! A patronal usou de todos os meios sujos para que não recebêssemos a cesta. Para eles, se o trabalhador faltasse, mesmo com atestado médico, a cesta seria cortada. Não aceitamos!", desabafou Zé Gotinha, coordenador do Sindicato.

"É uma conquista histórica, como a refeição na obra e a PLR, não pode mais sair! Apesar do valor (R$ 40,00), agora está na Convenção. Gerações vão ter esse benefício pela luta que travamos agora", arrematou Tavares, coordenador do STICMB.

À esquerda, Ailson Cunha durante assembleia. Acima, militantes do PSTU são homenageados.

A ira dos patrões

A raiva dos empresários foi o que se viu do sindicato dos patrões (SINDUSCON-Pa) frente a força da categoria. Obrigados a conceder a cesta, eles queriam que, se o trabalhador faltasse, mesmo apresentando atestado médico, a cesta básica fosse cortada. Também tentaram suspender o pagamento da quinzena em meio à paralisação.*"Na luta desmoralizamos a direção do Sinduscon-Pa. Diante da nossa pressão, tiveram de nos pagar. A greve mostrou que com luta podemos vencer"*, disse Maradona, operário e uma das lideranças da greve.

"Nossa tarefa é seguir e enfrentar os nossos inimigos, até que um dia possamos construir um mundo mais justo, onde agente quem produz possa também governar!", arrematou Atnágoras Lopes, da Executiva Nacional da CSP-Conlutas.

No encerramento, militantes do PSTU foram convidados a subir no trio elétrico e homenageados pelos operários. Durante toda a luta eles estiveram ao lado dos trabalhadores, começando pelos piquetes nas obras. ■

*Candidatos a deputado federal e estadual, respectivamente, pelo PSTU no Pará – são da categoria.

Greve da USP termina com vitória

Foto: Patrícia Galvão

Após 118 dias de greve, os trabalhadores da Universidade de São Paulo decidiram encerrar a greve. A decisão foi tomada em assembléia da categoria após conseguirem uma importante vitória.

No último dia 16, os docentes e técnico-administrativos em educação da USP, por força de sua mobilização, conseguiram fazer que o Conselho Universitário da instituição aprovasse a concessão de abono de 28,6% às duas categorias, referente aos meses sem reajuste após a data-base. Os professores da USP, assim como das demais universidades estaduais paulistas, também conquistaram reajuste de 5,2% pago em duas parcelas.

Os representantes da reitoria se comprometeram com o TRT e o Sintusp a continuar na próxima semana a negociação da pauta de reivindicações específica dos funcionários da USP, iniciando pelo reajuste dos benefícios: vale alimentação, vale refeição, auxílio creche e auxílio educação especial, entre outros.

Uma primeira avaliação do Comando sobre a greve considerou o movimento vitorioso, mesmo não tendo conquistado todas as reivindicações da categoria. O Comando também avaliou como importante "as várias derrotas impostas ao reitor Zago, inclusive a última no Conselho Universitário", como o abono, proposta esta, recusada pelo gestor da Universidade.

Bancários indicam greve para o dia 30 de setembro

De março de 2013 a março deste ano, os quatro maiores bancos fecharam, juntos, 12.332 postos de trabalho. O salário de ingresso na categoria atualmente é de apenas R$ 1.503,32.

É nesta situação que os bancários entram em mais uma campanha salarial. É uma categoria que, desde 2003, faz greve todos os anos diante da ganância e intransigência dos banqueiros. Neste ano, a campanha acontecerá ao mesmo tempo em que a campanha eleitoral. A CONTRAF/CUT, principal direção da categoria, já formalizou o apoio a Dilma nos Congressos do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal e na Conferência Nacional dos Bancários. A prioridade, para eles, não será a luta dos bancários, mas a reeleição de Dilma.

Por isso, os bancários já se preparam para a greve, cujo indicativo é dia 30 de setembro. O Movimento Nacional de Oposição Bancária (MNOB), filiado à CSP-Conlutas, está propondo nas assembleias que os comandos de greve sejam eleitos nas assembléias, e também defende que a negociação seja transmitida ao vivo pela internet. O MNOB aposta na mobilização da categoria, que deve tomar a campanha salarial em suas mãos para enfrentar os bancos e o governo.

Homofobia, transfobia e o oportunismo na disputa eleitoral

IMPUNIDADE. Aliados a políticos conservadores, Dilma, Marina e Aécio não querem criminalizar a homofobia.

Babi Borges e Flávio Stonewall
da Secretaria Nacional LGBT do PSTU

No começo deste ano, a Globo exibiu pela primeira vez um beijo gay. Depois, levou às telas o amor entre duas mulheres, que se casaram. Na última semana, vários jornais noticiaram a chance de termos um filme brasileiro concorrendo a um Oscar: "Hoje eu quero voltar sozinho", de Daniel Ribeiro, que tem como tema a homossexualidade.

Por outro lado, a questão dos LGBTs também esteve pautada na mídia pelas páginas policiais. Dezenas de protestos pela morte de João Antônio Donati aconteceram nas últimas semanas, em diversas cidades do país. João era gay e tinha 18 anos. Foi assassinado brutalmente, no dia 10 de setembro, numa cidade perto de Goiânia (GO).

A violência que vitimou João tem feito com que o Brasil tenha índices alarmantes de assassinatos causados pela homofobia, lesbofobia e transfobia. Quase metade dos assassinatos de LGBTs que acontecem no mundo estão aqui. Mesmo assim, a homofobia e a transfobia não são consideradas crime no Brasil. Neste ano, mais de 200 pessoas já foram mortas, de acordo com os dados do Grupo Gay da Bahia. A maioria das vítimas é trans.

A aprovação do PLC 122, que criminaliza a homofobia, tem sido, nos últimos anos, a principal reivindicação do movimento LGBT e esse tema acabou entrando na corrida eleitoral. ■

O corpo do jovenm João Donati foi encontrado com marcas de estrangulamento e com as duas pernas quebradas.

O Estado de braços cruzados

Depois de grandes protestos ocorridos pelo assassinato de João Donati, a grande imprensa divulgou a absurda notícia de que a polícia de Goiás descartou que o crime contra João tenha tido motivação homofóbica. Isso nos causa revolta, pois a crueldade envolvida neste assassinato não deixa dúvidas que se trata de um crime de ódio aos gays.

É um absurdo que o poder público resista em admitir que há homofobia em situações tão evidentes. Este tipo de crime não é registrado em boletins de ocorrência, justamente para que o Estado não produza evidências desta triste realidade. Desse modo, nenhuma medida é tomada e os crimes continuam ocorrendo.

Não foi diferente no início deste ano, quando, em São Paulo, outro jovem, Kaíque Augusto, de 16 anos foi brutalmente assassinado. Apesar das condições do corpo e das circunstâncias envolvidas, a polícia chegou a anunciar que ele teria se suicidado!

Eles não querem criminalizar a homofobia

Pouco antes do assassinato de João Donati, no dia 29 de agosto, Dia da Visibilidade Lésbica, Marina Silva publicou um programa que contemplava outras reivindicações. No entanto, após pressão pública do pastor Silas Malafaia em uma rede social, ela recuou e disse que a inclusão dessa pauta havia sido um erro processual, cumprindo assim as exigências de seus apoiadores fundamentalistas.

Dois dias depois, Dilma Rousseff anunciou que, se eleita, criminalizaria a homofobia. No entanto, em 12 anos de governos do PT, nem Lula nem ela deram ouvidos ao movimento ou tomaram qualquer medida concreta diante das agressões e mortes sofridas pelos LGBTs. Pelo contrário, o PT entregou a presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados a Marco Feliciano, porta voz do ódio machista, racista e homofóbico. Dilma também vetou o kit anti-homofobia nas escolas, em negociata com a bancada homofóbica para abafar o envolvimento do então Ministro Palocci num escândalo de corrupção.

Não podemos deixar de falar do PSDB, do candidato Aécio Neves. Deste partido surgiram diversos ataques aos LGBTs, como o projeto conhecido como "Cura Gay", que foi defendido por Feliciano, mas que é de autoria de João Campos, deputado pelo PSDB. Merece também ser citada, a proposta bizarra do "Kit Macho e Kit Fêmea", do candidato a deputado federal Matheus Sathler, de Brasília. Parte significativa da bancada homofóbica no Congresso Nacional é composta pelos tucanos.

PSTU defende criminalização da homofobia

O projeto de "cura gay" foi derrotado pelos protestos que precederam as Jornadas de Junho, em 2013. Para nós, este é o caminho para os LGBTs trabalhadores.

A falta de políticas públicas concretas e eficazes e a forma como os políticos e parlamentares tratam os LGBTs causa muita revolta. A juventude foi às ruas no ano passado e derrotou o projeto de "cura gay", de Feliciano. Hoje, a mobilização dos LGBTs segue, ainda mais consciente. O movimento sabe, por exemplo, que as lutas de 2013 fizeram com que a Rede Globo exibisse o primeiro beijo gay e que não tirasse mais o tema da TV.

Para ter igualdade de direitos e mudar a realidade que nos vitima é necessária muita luta. Por isso, precisamos denunciar publicamente a homofobia, a lesbofobia e a transfobia e exigir mais direitos.

O PSTU acredita que só seremos livres plenamente com a destruição do sistema capitalista, que nos explora e oprime. Por isso, nestas eleições o voto útil dos LGBTs da classe trabalhadora é o voto naqueles que têm um programa coerente para fortalecer as nossas lutas e nossos objetivos. E não que alimente ilusões.

Fora imperialismo

Liga Internacional dos Trabalhadores - Quarta Internacional

Todos podemos ver pela TV ou nos jornais o avanço do grupo Estado Islâmico no Oriente Médio e as barbaridades cometidas por eles. O grupo vem dominando grandes áreas, tanto no Iraque quanto na Síria, sob as quais declarou um "Califado". Com a justificativa de combater o Estado Islâmico, os EUA vêm realizando bombardeios no Iraque. Só no último mês, foram 154 bombardeios.

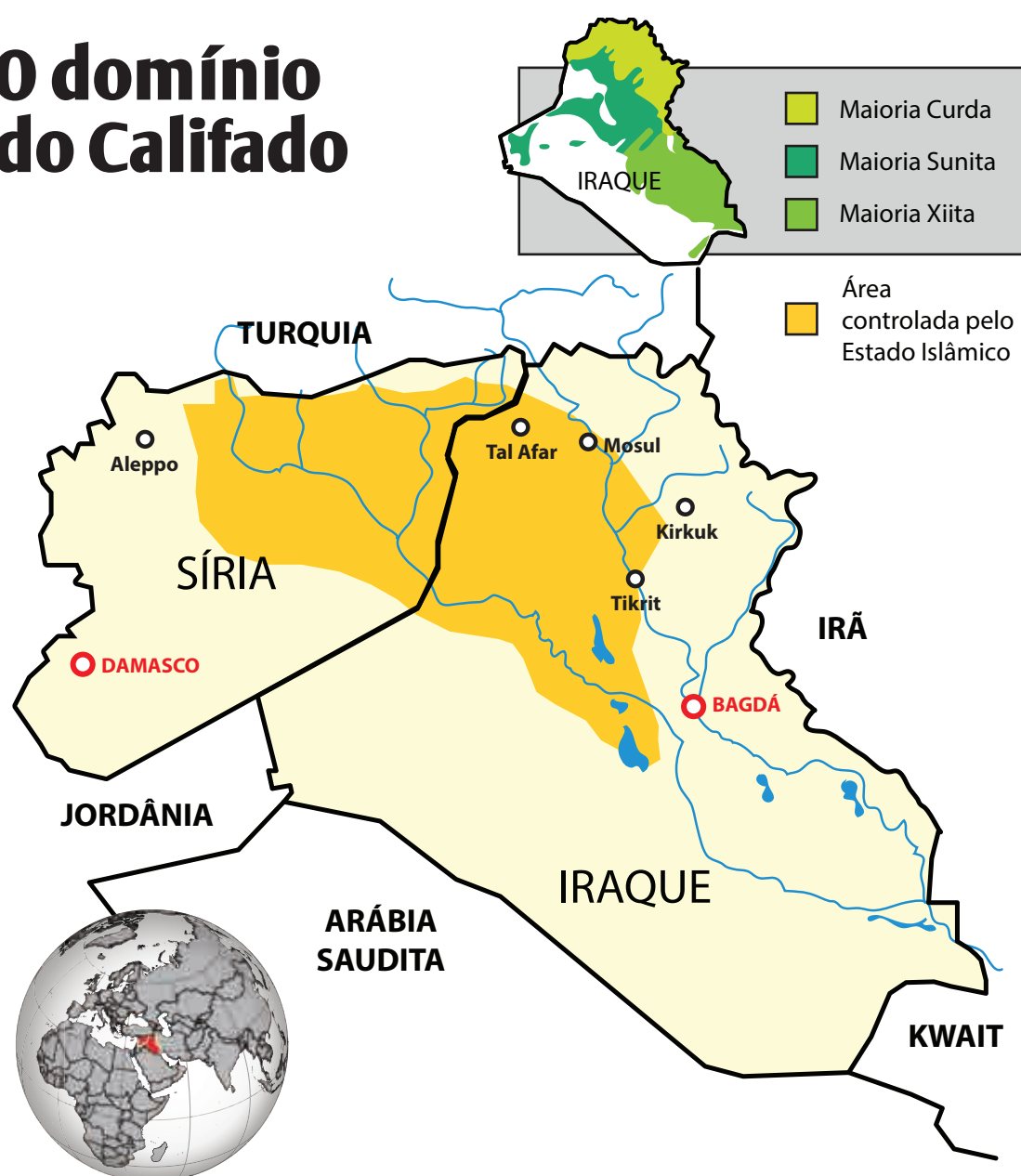
Agora, porém, o presidente dos EUA, Barack Obama, anunciou sua decisão de ampliar os ataques no Iraque e também na Síria, justamente nas regiões controladas pelos rebeldes do Exército Livre da Síria. Há mais de três anos, a Síria vive uma guerra civil, parte da luta contra o ditador do país, Bashar Al Assad.

O Estado Islâmico respondeu aos bombardeios dos EUA, e também aos ataques por terra do Iraque e do Curdistão (região ao norte do Iraque), aumentado suas brutalidades contra as populações das regiões que domina. O grupo divulgou imagens na Internet mostrando a decapitação de dois jornalistas norte-americanos e de um cidadão britânico, que mantinham prisioneiros. Esses crimes, na prática, acabam ajudando os EUA, ao justificar para a opinião pública uma intervenção militar na Síria.

O Estado Islâmico, que já ajudava Assad na Síria, pois combatia os rebeldes ao invés do ditador, agora ajuda, também, as potências imperialistas que querem colocar as mãos na Síria. Ou seja, é contrarrevolucionário em todos os sentidos e não tem nada a oferecer à luta dos trabalhadores no Oriente Médio.

Já o discurso humanitário de Obama é hipócrita. Há décadas os EUA saqueiam e promovem verdadeiras matanças no mundo árabe. A tal "luta contra o terror" de Obama e dos países capachos dos EUA é só uma forma de esconder sua intenção de retomar o controle da região após a derrota que sofreram na ocupação militar do Iraque. E também para derrotar definitivamente a revolução que se desenvolvia na Síria, parte da onda de revoluções da Primavera Árabe.

Por tudo isso, a Liga Internacional dos Trabalhadores se opõe aos ataques aéreos dos EUA e demais potências no Iraque, assim como qualquer plano de intervenção militar na Síria. ■

O domínio do Califado

SAIBA MAIS! O Estado Islâmico do Iraque e do Levante

O grupo conhecido como Estado Islâmico (antes Estado Islâmico do Iraque e da Síria) surgiu da união de vários grupos islâmicos, principalmente a Al-Qaeda. Ele se expandiu ganhando adeptos entre os sunitas (os muçulmanos são divididos principalmente entre sunitas e xiitas), que passaram a ser discriminados após os EUA terem derrubado o regime de Saddam Hussein, no Iraque. Primeiro, receberam financiamento de países que tinham interesse em enfraquecer governos xiitas, como a Arábia Saudita e o Qatar. Depois, com seu crescimento, passaram a dominar e explorar diretamente poços de petróleo.

Em junho deste ano, o Estado Islâmico declarou um "Califado" nas áreas que ocupa. Nelas, a população é obrigada a seguir a "sharia", um conjunto de regras baseado numa interpretação fundamentalista do Alcorão que, entre outras coisas, obriga as mulheres a se cobrirem e proíbe execução pública de música. É bom ressaltar que essa vertente do islamismo praticada pelo Estado Islâmico é absolutamente minoritária entre os muçulmanos de todo o planeta.

O grupo Estado Islâmico cumpre um papel contra-revolucionário: ajudou Assad a combater os rebeldes sírios e, hoje, ajuda o imperialismo a dominar aquele país.

O grupo já controla vários poços de petróleo no norte da Síria e do Iraque.

da Síria!

Os crimes do Estado Islâmico servem aos EUA

Quando o Estado Islâmico (EI) ocupa uma região, ele comete uma série de atrocidades contra os povos dominados. São execuções em massa, decapitações, cruficificações, venda de mulheres como escravas sexuais etc. Isso ajuda os EUA, que podem enganar o povo mais facilmente e impor uma intervenção militar naquela região como se fosse uma "campanha humanitária".

Diante disso, o que fez Obama? Anunciou uma ofensiva militar "para meses, talvez anos" contra o Estado Islâmico, alertando que, agora, seria diferente do que fizeram no Iraque ou no Afeganistão, pois não teria o envolvimento de tropas norte-americanas.

Nas palavras do presidente norte-americano, essa ofensiva será uma *"campanha antiterrorista que será levada a cabo mediante um esforço firme e incansável para tirar o EI de onde quer que esteja, usando nosso poder aéreo e o apoio de forças aliadas no terreno"*. Em outras palavras, os EUA bombardeariam o grupo enquanto contariam com a ação de tropas iraquianas e sírias em terra.

Calejado pelas derrotas que os EUA sofreram no Oriente Médio, Obama procura ser cuidadoso para não se meter em uma enrascada. Mas a própria situação na região, criada pelo Estado Islâmico e os ataques aéreos, está empurrando cada vez mais o país a novo envolvimento militar, embora essa não fosse a intenção inicial do governo norte-americano.

Mas o que mudou? Por que Obama estava tão receoso para abrir uma nova frente militar no Oriente Médio e, de repente, adota um discurso mais agressivo? Por trás disso está a opinião pública do país, principalmente após as cenas de decapitação dos dois jornalistas norte-americanos pelo Estado Islâmico. A imprensa e o governo souberam aproveitar a situação e, depois da divulgação dos vídeos, a maioria dos norte-americanos passou a apoiar o bombardeio do Iraque e até uma intervenção na Síria. Com isso, Obama mudou sua estratégia e passou a falar publicamente da necessidade de "destruir" o Califado.

Os crimes cometidos pelo Estado Islâmico são usados para que Obama e todo o imperialismo, mais uma vez, justifiquem uma investida contra o mundo árabe. O primeiro bombardeio aéreo já foi realizado pela França, no dia 19 de setembro.

Mas isso, por outro lado, não significa que o governo e tampouco a opinião pública norte-americana tenham superado o trauma causado pela derrota de Bush no Iraque e no Afeganistão. Ou seja, apesar de Obama ter adotado um discurso mais agressivo agora, não passa pela cabeça dele, nem de nenhum chefe de Estado de algum país imperialista, enviar tropas para combater o Estado Islâmico.

Assim, os EUA atuam para formar e liderar um conjunto de países, com a cobertura da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), para fazer o trabalho sujo. Até agora, os EUA conseguiram a adesão da Inglaterra, França, Austrália, Canadá, Alemanha, Turquia, Itália, Polônia e Dinamarca. Trata-se de uma tentativa para possibilitar novas invasões no futuro sem ter que utilizar seus próprios soldados para isso e evitar mais desgastes.

A medida já conta com o apoio do governo iraquiano, chefiado pelo premiê Haider al Abadi, assim como a Liga Árabe (organização que reúne 23 Estados árabes, como Egito, Líbano, Arábia Saudita, dentre outros). Mas nem tudo são flores. O governo iraquiano ficou meses num impasse marcado por divisões internas. Os curdos, por exemplo, que vivem no norte do país, aceitaram fazer parte do governo, mas deram três meses de prazo para que o Iraque tomasse várias medidas, como a permissão que eles próprios exportassem o petróleo, o aumento da cota do orçamento nacional e a realização de um referendo sobre a autonomia da região.

Derrotar o ditador sírio e o Califado

Armas para os curdos iraquianos e os rebeldes sírios

O Califado decretado pelo Estado Islâmico não tem nada de bom para os trabalhadores e os povos do Iraque e da Síria. Muito pelo contrário. Ele impõe uma repressão brutal sobre os trabalhadores e, para se firmar na região, tem que derrotar o movimento dos trabalhadores e a revolução síria. Ou seja, instaur uma verdadeira ditadura, tudo para colocar as mãos no petróleo da região. Por isso, os povos iraquiano e sírio devem derrotar o Estado Islâmico e a sua tentativa de impor o tal Califado.

Essa luta contra o grupo islâmico é urgente, pois ele vem se fortalecendo nos últimos meses. Acredita-se que já tenham algo como 50 mil soldados, sendo que 3 mil deles vem da Europa e dos EUA. Eles já controlam um terço do Iraque e quase todo o nordeste da Síria.

Por outro lado, os EUA não são alternativa ao Estado Islâmico, mesmo que agora eles estejam brigando entre si. Basta lembrar das barbaridades praticadas pelas tropas norte-americanas no Iraque e no Afeganistão. Por isso, devemos ser contra qualquer tipo de intervenção militar dos EUA no Oriente Médio.

Ao mesmo tempo, devemos prestar toda a solidariedade aos combatentes curdos e sírios que lutam contra as tropas do Califado. No caso da Síria, esses rebeldes são obrigados a lutar também contra o ditador Bashar Al Assad. Ou seja, é obrigação de toda a esquerda ser contra qualquer tipo de intervenção do imperialismo e defender a soberania da Síria e do Iraque e, ao mesmo tempo, combater a sanguinária ditadura de Assad.

> "Os EUA não são alternativa ao Estado Islâmico. Basta lembrar das barbaridades praticadas pelas tropas norte-americanas no Iraque e no Afeganistão. Por isso, devemos ser contra qualquer tipo de intervenção militar dos EUA no Oriente Médio.

Nem os planos de Obama de dominar a região, e impor uma ditadura colonial, nem a ditadura de Assad na Síria ou a ditadura religiosa do Estado Islâmico! É preciso reforçar a campanha de solidariedade internacional à revolução síria, exigindo que todos os governos rompam relações com a ditadura no país. Assim como também defendemos o envio de armas pesadas, medicamentos e qualquer tipo de ajuda humanitária ou militar ao povo sírio.

É preciso também a mais ampla unidade política e militar para destruir a ditadura síria e o tal do Califado do Estado Islâmico, a partir da resistência armada e revolucionária do povo sírio atuando junto com o povo iraquiano, os curdos e todos os demais povos do Oriente Médio.

Mulheres curdas estão pegando em armas para combater o avanço do Estado Islâmico.

Tá na hora de eleger deputadas e deputados do PSTU!

CLÉBER RABELO
Pará 1616

VERA
Sergipe 1616

TONINHO
São Paulo 1616

VANESSA
Minas Gerais 16123

Sílvia Ferraro,
da Redação (SP)

Os trabalhadores e o povo estão cansados dos políticos que estão neste Congresso Nacional corrupto e que só aprova leis que beneficiam os patrões. Sabemos que a vida dos trabalhadores e do povo pobre não vai mudar com as eleições. O poder econômico é quem manda através do financiamento dos principais candidatos e a falta de democracia existente na mídia acaba determinando o resultado eleitoral.

O PSTU apresenta suas candidaturas para denunciar esta lógica e também para pedir o voto dos trabalhadores numa alternativa de luta. Nossos candidatos e candidatas são aqueles que estão presentes nas lutas populares e da classe trabalhadora. São lutadores incansáveis contra a exploração e a opressão.

É por isso que a campanha do PSTU está indo aos bairros populares, às fábricas, aos canteiros de obras, às feiras e às ruas para dizer aos trabalhadores que existe uma alternativa contra os candidatos dos banqueiros, dos grandes empresários e dos corruptos. Votar nos candidatos do PSTU é protestar contra este sistema viciado que elege sempre os mesmos e, ao mesmo tempo, fortalecer uma alternativa da nossa classe contra os candidatos dos ricos.

Por isso, seria muito importante elegermos deputados e deputadas do PSTU comprometidos com as lutas dos trabalhadores. Nossos parlamentares não mudam de lado e continuam recebendo o salário de um operário ou de um professor, como é a realidade dos nossos vereadores Cléber, de Belém, e Amanda, de Natal.

Um deputado do PSTU seria uma voz dos trabalhadores no parlamento dos ricos para denunciar as negociatas que os patrões, banqueiros e ruralistas fazem no Congresso Nacional e nas Assembleias Legislativas. Mas, sobretudo, ter deputados do PSTU seriam pontos de apoio importantes para as lutas da nossa classe, para fortalecer o projeto de destruir este regime dos ricos e lutar para construir um governo dos trabalhadores sem patrões. Por isso, vamos votar em Zé Maria presidente e ajudar a eleger os deputados do PSTU! Vamos votar e conseguir mais dez votos para os candidatos do PSTU!

Venha para o PSTU!

Não queremos somente os votos dos trabalhadores, queremos muito além disso. Apresentamos aos operários e operárias, aos professores, aos mineiros, aos bancários, aos aposentados, aos assalariados agrícolas, aos que lutam pela terra e pela moradia, à juventude pobre da periferia, aos negros, mulheres e LGBTs uma ferramenta para lutarem pela verdadeira libertação da nossa classe.

Para cada um que encontramos nesta campanha, oferecemos muito mais do que uma alternativa para votar, oferecemos uma alternativa para lutar por outra sociedade. Para todos aqueles que estão cansados da tremenda exploração imposta pelos patrões, para todos aqueles e aquelas que sofrem todos os dias com o preconceito e a opressão, trazemos um instrumento para organizar esta insatisfação e uma ferramenta para construir uma sociedade em que os homens e mulheres que constroem a riqueza do nosso país possam também governar.

Em junho de 2013, milhares de jovens saíram às ruas querendo mudança. Depois disso, milhares de trabalhadores cruzaram os braços e fizeram inúmeras greves radicalizadas, também querendo mudança. Agora, muitos que irão votar estão, mesmo que de forma distorcida, também querendo mudança. O PSTU não acredita que haverá mudança enquanto os banqueiros, os ruralistas e os grandes empresários continuarem mandando no país. Pra existir mudança de verdade, será preciso muito mais. O sistema capitalista não oferece saída para os trabalhadores. Por isso, a necessidade de construirmos e fortalecermos um partido que seja uma ferramenta para esta verdadeira transformação. Oferecemos o PSTU em especial aos operários e operárias que nos conheceram nesta campanha eleitoral e dizemos: Tomem que o partido é de vocês! Venham para o PSTU!